

**até que Deus é
destruído pelo extremo
exercício da beleza**
de Vera Mantero & Guests

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

PERFORMANCE 23 QUI · 24 SEX · NOVEMBRO · 2006

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h20

Direcção artística Vera Mantero **Interpretação e Co-criação** Antonija Livingstone, Brynjar Bandlien, Loup Abramovici, Marcela Levi, Pascal Quéneau, Vera Mantero
Concepção de espaço e Figurinos Nadia Lauro **Música ao vivo** Boris Hauf
Desenho de luz Jean-Michel Le Lez **Operação de luz** Mael Iger
Colaboração dramaturgica Bojana Bauer **Produção executiva** O Rumo do Fumo
Co-produção Centre Chorégraphique National de Tours, Centre Pompidou – Les Spectacles Vivants / Festival D’Automne, Culturgest, Le Quartz/Scène Nationale de Brest, O Espaço do Tempo de Montemor-o-Novo

Este projecto tem o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian
O Rumo do Fumo é apoiado pelo Ministério da Cultura / Instituto das Artes

Espectáculo falado em inglês com legendas em português



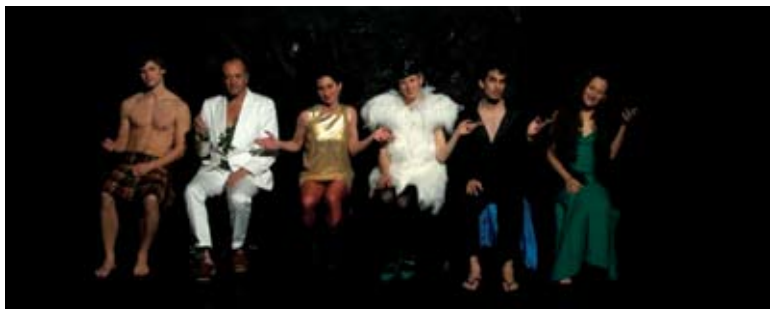
© Alain Monot

Seis pessoas sentadas. Os seus corpos têm a palavra. O seu “dever junto” anuncia-se através de uma linguagem instável, um inglês com sonoridades singulares. As suas capacidades de comunicar são constantemente desafiadas. Eles navegam entre transparência e opacidade; exercitam-se por entre a teclagem dos laços, suspensos por um fio.

Como exercer uma postura teatral até ao esgotamento? Escolher um meio que nos é comum, mas que não dominamos. Olhar de frente as pessoas e convidá-las a seguir-nos quando partimos. O “aqui e agora” que procuramos está tão alongado que já não há pertença. Está arrasado. Recomeçamos sempre, sem nunca chegar ao mesmo lugar.

Bojana Bauer

Para Vera Mantero a dança não é um dado adquirido, acredita que quanto menos o adquirir mais próxima estará dela, usa a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessita de perceber, vê cada vez menos sentido num *performer* especializado (um bailarino ou um actor ou um cantor ou um músico) e cada vez mais sentido num performer especialmente total, vê a vida como um fenómeno terrivelmente rico e complicado e o trabalho como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o seu e o dos outros, luta que considera essencial neste ponto da história.



© Alain Monot

Quando passeamos, numa floresta por exemplo, tudo muda constantemente. Ao mesmo tempo tudo fica igual, as árvores ficam, o que muda verdadeiramente será talvez a nossa percepção (ritmo, som, toque, olhar).

Passeamo-nos num espaço mental que decorre no tempo do acto de “performar”. As ideias oferecidas são desconexas, como se vagueássemos dentro de um cérebro. Os mecanismos vão desde a associação de ideias, de sons, quedas num espaço de memórias, ressaltos num espaço de constatações. Travessia do espaço dos desejos pessoais, dos desejos partilhados. Viajar nesse espaço como se se tratasse de uma viagem galáctica... perdidos no vazio mas retirando um prazer real deste espaço no qual flutuamos e onde não esperamos nada, onde não há expectativas.

Trata-se de um convite a fazer connosco uma viagem. As inquietudes que temos dirigem-se essencialmente ao espectador. Estás pronto a seguir-nos? A seguir-nos no nosso presente, sem esperar uma “espectacularidade”. Somos sem dúvida pessoas desajeitadas e que tropeçam. O único elemento do espectáculo é o unísono... mas o nosso coro não está afinado. A viagem não avança verdadeiramente, tal como na floresta, tudo muda todo o tempo e na verdade nada muda visivelmente.

Sem vontade de ensinar seja o que for. Não se trata de um discurso. As coisas enunciadas não são em si próprias importantes. O que sustém o tempo são os silêncios, os entremeios, os buracos. Nós não estamos num mundo absurdo.

Estamos no não-espaço, no não-tempo do presente. Como num cérebro, no pensamento qualquer coisa surge a qualquer momento. *It's beyond our control*. Os corpos, os nossos corpos, reflectem os seus corpos (do espectador). Mas é por vezes um espelho que deforma, onde o que é dito pode ser o contrário do que queremos dizer. Os papéis estão invertidos. As frases têm duplo sentido. Nós não queremos uma depressão. O nosso despojamento é feliz. O impacto do nosso ambiente cultural naturalmente judaico-cristão impede-nos de nos “despirmos” completamente. Estamos num jogo musical. A nossa música é feita a partir das nossas musicalidades/músicas. O “divino” apaziguador surge nos nossos cânticos de meditação. O animal ouve mal, compreende mal. Ele é feito de felizes confusões.

No início era o verbo, a destruição de Deus começa agora pela destruição do verbo.

Impressões ao longo do processo
Loup Abramovici

ANTONIJA LIVINGSTONE

Nasceu em Vancouver/Canadá em 1971. Vive e trabalha entre Montreal e Estocolmo.

Antonija Livingstone evolui enquanto artista num ambiente transdisciplinar participando em projectos de criação e em processos de colaboração nos quais o ponto de vista que sustenta o trabalho e a reflexão é sempre móvel. Encontramo-la em projectos dirigidos por Meg Stuart e Benoît Lachambre e em várias colaborações com artistas canadianos e europeus entre os quais destaca Antonia Baehr, Vera Mantero, Eszter Salamon, Nadia Lauro e Heather Kravas, com quem mantém um processo de conversações coreográficas desde 2003.

BOJANA BAUER

Nasceu em Belgrado (Sérvia) é teórica em dança. Depois de concluir os estudos no departamento de dança da Universidade Paris 8, junta-se ao projecto *Femmeuses*, iniciado por Cécile Proust, e mais tarde ao grupo de pesquisa *GIEPAC – Grupo Informal de Encontro, Pesquisa e Análise Coreográfica* de Vera Mantero. Em Lisboa integra a equipa do Festival Alkantara dirigido por Mark Deputter. No contexto do Festival Alkantara 2006 propõe e coordena um programa de debates, actividade que continua na temporada 2006/2007 do Teatro Camões. No Verão de 2007 irá juntar-se a Julie Nioche para um projecto integrado no Congresso Internacional de Pesquisa em Dança no Centre National de la Danse em Paris.

Tem publicado textos na imprensa de Belgrado (Politika, Orchestra) e recentemente iniciou colaborações com as revistas *Repères* (ed. Biennale de Val de Marne) e *Danse Zone* (Praga).

BRYNJAR BANGLIEN

Brynjær (1975) fez a sua formação no seu país natal a Noruega, no Ballet Nacional de Oslo, e mais tarde no Ballet da Ópera Nacional de Hamburgo na Alemanha. Em 1995, integrou o *Nederlands Dans Theater* (NDT 2), com o qual efectuou uma digressão na Europa, Estados Unidos e África do Sul.

Depois de três anos no NDT 2, começou a trabalhar como bailarino e coreógrafo independente com Manuel Pelmus (*Punct Fix*), Philipp Gehmacher (*Mountains are Mountains*) e Raymund Hoghe (*Tanzgeschichten, Young People, Old Voices e Swan Lake, 4 acts*) entre outros. A sua primeira peça o estreou este ano na *Dansens Hus* em Oslo. Desde 2003 reside em Bucareste na Roménia.

BORIS HAUF

Fundador do grupo vienense de improvisação electro-acustica *Efzeg*, co-fundador do grupo berlinense de classic rock *The understated brown* e membro em tempo parcial dos grupos *allrounder outfit* *tvpow* e o grupo post-punk *Lozenge*, em Chicago. Já efectuou mais de 20 registos publicados por várias editoras em CD, DVD, vinil, VHS.

Registos recentes (2005-2006): *efzeg-krom* (hathut), *wane* (formed-records), *clark* (sijis), *lozenge-undone* (sickroom records), *soft left onto westland* (mosz) entre outros. Outros registos nas editoras Grob, Durian, Mego, Boxmedia, En/of, Crank Satori, Cheap, Staalplaat, Charhizma& Kuroneko. Composições recentes para performances de Litó Walkey, Vera Mantero, Benoît Lachambre, Frans Poelstra/Robert Steijn, Paz Rojo, Sabina Holzer e para a artista visual Nadia Lauro. Como artista a solo e integrando vários *ensembles* tem actuado em diversos concertos em toda a Europa, África do Norte, América Latina, Japão e Estados Unidos da América. hauf.klingt.org.

MARCELA LEVI

Nasceu no Rio de Janeiro em 1973, diplomada pela Escola de Dança Angel Vianna (1996), foi membro da Companhia Lia Rodrigues durante oito anos. Em 2002 começa a desenvolver os seus próprios projectos, que se situam entre a dança contemporânea e as artes visuais. Os seus trabalhos foram apresentados em diversos festivais no Brasil, França, Áustria, Reino Unido e Portugal. Paralelamente ao seu trabalho coreográfico, colabora com os coreógrafos Cristina Moura, Gustavo Ciríaco e com os artistas visuais Tunga e Niura Bellevinha. Actualmente trabalha no seu novo projecto iniciado em Paris no Centre International d'Accueil et d'Échanges des Récollets, que estreará em São Paulo em Março de 2007.

NADIA LAURO

Cenógrafa e artista visual baseada em Paris, desenvolve o seu trabalho em diversos contextos (dança contemporânea, arquitectura paisagista, moda). Concebe dispositivos cenográficos, ambientes, instalações visuais, figurinos. Em dança contemporânea tem colaborado nomeadamente com Vera Mantero, Benoît Lachambre, Frans Poelstra, Barbara Kraus, Latifa Laabissi e Jennifer Lacey, com a qual é co-autora de diversos projectos. Em 2000 recebeu o Prémio The Bessies 2000, New York Danse and Performance Awards, pela concepção visual de SSHOT (Lacey/Lauro/Parkins/Cornell). Em 1998, funda com o arquitecto Laurence Crémel, a associação Squash Cake Bureau onde cria arranjos paisagistas e mobiliário urbano.

PASCAL QUÉNEAU

Depois da sua formação em arte dramática com Blanche Salant no Centro Americano de Paris, Pascal Quéneau tem trabalhado em teatro, cinema e televisão. O seu interesse pela dança foi crescendo ao longo do tempo, levando-o a colaborar com vários coreógrafos entre os quais salienta: Vera Mantero, Christian Rizzo, Nathalie Collantès, Cécile Proust, Le Quatuor Albrecht Knust, Olivia Grandville e Kaim Sebbar. Em 1995 o seu encontro com Mark Thompkins e Juljen Hamilton permite-lhe familiarizar-se com a improvisação enquanto campo de práticas e de projectos artísticos. É assim conduzido a colaborar com Lisa Nelson, Steve Paxton, Simone Forti... Participando em várias performances em contextos diversos, Pascal Quéneau não cessou de aprofundar um trabalho pedagógico, que lhe permite utilizar os seus recursos nas suas diversas experiências.

VERA MANTERO

Nasceu em Lisboa em 1966. Estudou dança clássica até aos dezoito anos. Integrou o Ballet Gulbenkian durante cinco anos. Em Nova Iorque e Paris, estudou técnicas de dança contemporânea, voz e teatro. Inicia-se como coreógrafa em 1987 e desde 1991 apresenta os seus trabalhos na Europa, Brasil, Estados Unidos, Canadá e Singapura. Em 1999 a Culturgest organiza uma retrospectiva do seu trabalho. Participa regularmente em projectos internacionais de improvisação, nomeadamente com Meg Stuart e Mark Thompkins. Desde 2000 tem vindo a dedicar-se cada vez mais ao trabalho de voz em projectos musicais. Representou Portugal na 26ª Bienal de São Paulo com um trabalho co-criado com o escultor Rui Chafes. Em 2002, recebeu o Prémio Almada (IPAE/MC) pela sua carreira.

Quinteto de Andrew Hill

Andrew Hill nasceu em Chicago em 30 de Junho de 1937. Começou a tocar piano aos 13 anos encorajado, entre outros, por Earl “Fatha” Hines. Paul Hindemith, então exilado nos EUA, deu-lhe aulas de composição durante um par de anos.

Adolescente, tocou em clubes locais com músicos como Charlie Parker, Miles Davis, John Griffin. Em 1961 mudou-se para Nova Iorque. No ano seguinte assinou contrato com a Blue Note, gravando vários álbuns como líder para essa editora entre 63 e 66. *Point of Departure*, em que tocou com Eric Dolphy, Joe Henderson, Kenny Dorham, Richard Davis e Tony Williams, é uma das gravações essenciais dessa década.

Retomando, pela terceira vez, a sua colaboração com a Blue Note (a segunda ocorreu nos anos 80), acaba de ser editado o CD *Time Lines*, que tem recebido os maiores (e merecidos) elogios da crítica. Rodrigo Amado, no suplemento “Y” do *Público*, atribui-lhe a pontuação de 9 em 10, referindo que este disco é “um dos seus trabalhos mais fortes e apaixonantes dos últimos anos”. Raul Vaz Bernardo, no “Actual” do *Expresso*, classificou-o com 5 estrelas, referindo, em título “Andrew Hill assina mais uma obra-prima na Blue Note”. O concerto na Culturgest tem esse CD como ponto de partida.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz
Vice-presidente Miguel Lobo Antunes
Vogal Luís Dos Santos Ferro

Assessores

Dança Gil Mendo
Teatro Francisco Frazão
Arte Contemporânea Miguel Wandschneider
Serviço Educativo Raquel Ribeiro Dos Santos

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições

Produção e Montagem António Sequeira Lopes
Produção Paula Tavares dos Santos
Montagem Fernando Teixeira
Culturgest Porto Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira
Estagiária Teresa Nunes

Publicações

Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro
Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Chefe de Imagem Américo Firmino
Chefe de Audio Paulo Abrantes
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Chefe Fernando Ricardo
Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Chefe José Luís Pereira
Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho
Edgar Andrade
Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

MIC
MINISTÉRIO DA CULTURA

ia Instituto
das Artes

Culturgest, uma casa do mundo.

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
EDIFÍCIO SEDE DA CGD, RUA ARCO DO CEGO, 1000-300 LISBOA
CULTURGEST@CGD.PT • WWW.CULTURGEST.PT

grupo
Caixa Geral de Depósitos